À minha mãe e ao meu pai,
a J e J,
à Es,
que são o meu Pequeno Mundo.

Black faith still can't be washed away.
Solange

From my heart, that's the making of me.
Dave

PARTE UM

Dois Jovens no Verão

2010

1

Como a única coisa capaz de resolver a maior parte dos nossos problemas é dançar, faz todo o sentido que aqui, a seguir ao tremeluzir de mãos negras erguidas em oração, o pastor nos tenha convidado a rezar, e nós, congregação, permitimos que essa oração se estendesse no espaço, permitimo-nos explorar as alturas e profundezas dos nossos seres, dizer coisas honestas e verdadeiras, divinas até. Permitimo-nos falar com esse que é, ao mesmo tempo, quem já somos e quem queremos ser, permitimo-nos falar em voz baixa, um convite a desistir da necessidade de termos certezas e perguntar: quando foi a última vez que nos rendemos? Quando foi a última vez que nos abrimos assim? Antes que possamos tentar responder, a bateria dispara, súbita e confiante. Segue-se a linha do baixo, densa, a ir ao coração das coisas. O pianista toca acordes secretos vindos da alma. E, antes do fim da abertura, o coro aparece no palco como que por magia, e há um microfone na mão de alguém, um sorriso quando a solista avança a cantar a sua prece: *I'm trading my sorrows, I'm trading my shame*[1]. Ela canta estas palavras sabendo que, se estamos nesta sala, é porque já devemos conhecer a mágoa, já devemos conhecer a vergonha. Conhecemos a morte em todas as suas formas, mas levamos todos muito a sério o facto de estarmos vivos. E como a única coisa capaz de resolver a maior parte dos nossos problemas é dançar, convertemos o luto em movimento. Rompemos os limites das

[1] Literalmente, «troco as minhas mágoas, troco a minha vergonha», versos de «Trading my Sorrows», canção de Darrell Evans lançada no álbum *Freedom* (1998). *(N. T.)*

nossas fileiras, espalhamo-nos pelas naves laterais, abrimos caminho até ao espaço diante do palco, até ao âmago desse espaço.

Vejo o meu pai lá em cima, no meio da congregação, o seu corpo livre, ondulante, solto. Agita um lenço de bolso que lembra a luz de um farol, como quem diz: *Estou aqui*. Vemo-lo partir, afastar-se e depois abrandar um pouco, como se se tivesse separado de uma parte de si próprio. Um olhar rápido em redor, à procura da minha mãe. Encontra-a com facilidade, faz-lhe sinal. Com a mão, ela indica-lhe que fique onde está, mas ele não aceita, recua ao lugar onde estamos, arrasta-a para fora da fila, as mãos macias dos meus pais num abraço terno, ele puxa-a para si, pousa os lábios no ouvido dela, *estás segura aqui*; não apenas neste edifício, ou nesta igreja, mas nos braços dele. O meu olhar demora-se nos meus pais, vejo que um mundo podem ser duas pessoas que habitam um espaço onde não têm de se explicar. Onde se sentem belos. Onde talvez se possam sentir livres.

Dou um toque no braço de Raymond com o cotovelo. A nossa risada é feliz e fraternal. Sei que a fé, para ele, é a mesma luta quotidiana que é para mim, e que teve de construir uma igreja noutro lugar para se conhecer a si próprio. Partilhamos o mesmo lento balançar, um *two-step* tranquilo sem sair do mesmo sítio, porque, apesar de tudo, a música é incontornável. Só me conheci verdadeiramente na canção, entre uma nota e outra, nesse lugar onde a linguagem não é suficiente, mas onde a batida talvez seja, talvez consiga falar por nós, talvez consiga dizer o que nos vai no coração. Neste momento, enquanto a música ganha ritmo e volta mais uma vez ao início, passando o frenesim e aproximando-se do êxtase, agora que a prece ganha asas, *I'm trading my sorrows, I'm trading my shame*, quero acotovelá-lo de novo e dizer-lhe: *Gostava que fôssemos sempre assim abertos, gostava que sentíssemos sempre um pouco desta liberdade.* Mas não sei se tenho as palavras. E como a única coisa capaz de resolver a maior parte dos nossos problemas é dançar, faz todo o sentido que aqui, quando os nossos pais nos chamam, nos juntemos a eles.

Muito depois do culto, muito depois de o dia ter perdido o seu esplendor e o Sol ser um halo baço no céu, fazemos o pequeno trajeto até à casa

do tio T, que nos ajuda a carregar com cuidado as suas colunas para o banco de trás do carro de Raymond e nos mostra como se corta um cabo com um alicate, como se descasca a ponta com os dentes e se fixa o cabo na coluna, o seu aviso para as trazer de volta intactas um eco distante enquanto rolamos até ao apartamento de Tej, perto de Walworth Road. Quando estacionamos, vejo Adeline, já a conheço há tanto tempo que sei como a luz lhe segura o pescoço, conheço o seu ritmo mesmo quando está parada e, ao ver o espaço entre nós, avanço ao seu encontro, deixo um sorriso emergir das profundezas do meu ser, deixo que as nossas faces se toquem durante um abraço terno e, quando se separam, pergunto-lhe: *Quando foi a última vez que fizemos isto?* Antes que ela possa dizer: *Não foi assim há tanto tempo que nos divertimos juntos*, a porta da casa de Tej abre-se de par em par e, em breve, não somos apenas um ou dois, mas muitos. Em breve, falamos em voz alta e permitimo-nos dizer coisas honestas e verdadeiras, divinas até. Em breve, uma música que nos é familiar ressoa no interior e rompemos as fronteiras entre divisões, invadimos o jardim, abrimos caminho até ao espaço à frente das mesas de som, abrimos caminho até ao âmago desse *espaço*, de copos de plástico na mão, erguidos por cima das nossas cabeças, como faróis, como quem diz: *Estamos aqui.* Entre os presentes, somos muitos a ter perdido a fé há muito tempo, mas ainda acreditamos no ritmo. Acreditamos que uma faixa de quatro minutos tem a capacidade de estender o tempo até este se tornar irreconhecível, cada segundo em si mesmo para sempre. Quando voltam a passar *Buy Out Da Bar*, de Charmz, um gesto que é pura nostalgia, pura oração, querer ser a pessoa que se foi momentos antes, dou por mim a pensar que gostava que fôssemos sempre assim abertos, num balanço terno, ombro no ombro, coração a coração, *energy energy, gimme that energy energy*[2].

Abate-se sobre nós a nostalgia do ontem, tão cedo que Adeline já não passa senão *grime* na sua mesa de som. *Too Many Man*, *I Spy*, *21 Seconds*. *Pow!* começa a rodar, o bombo dá o arranque, súbito e confiante. Depois, a linha do baixo, densa, a ir ao coração das coisas. Acordes estranhos

[2] Literalmente, *energia, energia, dá-me aquela energia*. Refrão de «Paranoia (Rough Draft)», de Jaylon Ashaun. *(N. T.)*

ressoam pelo jardim. Antes do fim da abertura, Raymond aparece ao meu lado como que por magia, a pedir para repetirem a canção. Não tenho tempo para lhe dizer o que queria porque a faixa arranca do zero, a abertura nua e vazia de palavras a abrir um espaço para nós. A pista esvazia-se, nua e vazia de corpos, um círculo forma-se à nossa volta, e somos possuídos por alguma coisa, Raymond e eu, enquanto empurramos os limites para lá dos confins do jardim. Escuta, estou a tentar dizer-te o que significa estar no meio da multidão: um pequeno mundo maravilhoso no centro do caos, livre, no meio de membros ondulantes e de letras de canções ditas aos gritos. Em breve, depois de cinco ou seis repetições, começamos a ficar cansados. Em breve, desaparecemos na noite, quatro a descer lado a lado a Walworth Road em busca de comida. Em breve, é o Bagel King, o único lugar que conhecemos que está sempre aberto. Em breve, é o braço de Raymond sobre os meus ombros, a sua boca no meu ouvido a dizer-me *estás fixe, boa*, e eu aceno com a cabeça no espaço que ele cria. Em breve, é um braço a envolver-me por trás, e eu sei que é Del. Já nos conhecemos há tanto tempo que ela sabe como a luz me segura o pescoço, como é o meu ritmo mesmo quando estou parado. Em breve, é cantar à capela e música nas colunas do telemóvel, e como a única coisa capaz de resolver a maior parte dos nossos problemas é dançar, um *two-step* tranquilo no passeio.

Cedo, demasiado cedo, chega a hora de nos separarmos. Aqueles que estão juntos desaparecem noite dentro, mais juntos ainda. Os que estão sós anseiam pelo toque de um joelho a caminho de casa, um roçar de pele na soleira da porta, o convite de um jardim desocupado. Somos novos e temos dificuldade em dizer exatamente aquilo de que precisamos, mas sei que todos nós damos valor à *proximidade*.

É nisso que penso quando Del e eu apanhamos o autocarro noturno para regressar a Peckham — Raymond desapareceu noite dentro, e somos só nós os dois, Del e eu. Ela dorme, e a sua face macia repousa no meu ombro durante a breve viagem. À saída do autocarro, descemos a rua dela, e uma luz difusa à porta de casa lembra um farol. É o momento mais silencioso da noite. Observo-a. Enfio as mãos nos bolsos, desvio o olhar e fixo-o no chão, antes de lhe roubar mais um olhar. Ela sorri da

minha timidez, eu sorrio-lhe de volta. Aqui, quando estou com ela, sei que um mundo podem ser duas pessoas a ocupar um espaço onde não têm de se explicar. Onde nos sentimos belos. Onde talvez nos sintamos livres.

Os lábios de Del pousam de passagem na minha face, aproximamo--nos. Não dizemos adeus — conhecemos a morte em todas as suas formas, e um adeus soa-nos a fim. Em vez disso, depois de nos abraçarmos, os nossos punhos colidem devagar, um *até já*, que é menos um adeus do que uma promessa, a de continuarmos vivos.

2

Horas depois, um raio de luz esgueira-se por uma brecha nas cortinas. É demasiado cedo, nem preciso de ver as horas. A cama de Ray está vazia, não foi desfeita. Com esforço, levanto-me e saio do quarto porque sei que tenho de ir trabalhar. O mundo vacila por uns instantes, depois endireita-se. Lá em baixo, Ray está estendido no sofá, com uma garrafa de cerveja na mão, como se a festa não tivesse acabado.

— É um pouco cedo para estares a beber, não é? — digo, a apontar para a garrafa.

— É um pouco tarde para estares a acordar.

— *Touché*. Onde está a mãe?

— Saiu.

— O pai?

— Saiu.

Passam na televisão resumos dos jogos de futebol. Sei que Ray tem capacidade para conversar ou para ver os resumos dos jogos, mas não as duas coisas ao mesmo tempo, pelo que desisto da conversa e vou para a cozinha, para ver se há alguma coisa que se coma no frigorífico. Na maior parte dos *Tupperware* arrumados nas prateleiras do frigorífico, há refeições que a mãe levou tempo a fazer, pratos pesados e caseiros, o tipo de comida que enche a casa de nostalgia o dia inteiro, o tipo de comida que devoras depressa para caíres logo a seguir num estranho torpor em que a única coisa que consegues fazer

é acenar com a cabeça e dizer como foi maravilhosa aquela refeição. Ciente de que não é uma condição ideal para trabalhar, continuo à procura de uma alternativa mais leve, e encontro um saco de papel pardo entalado na porta do frigorífico. Lá dentro, estão duas empadas. Aqueço-as e ponho-as em pratos, uma para mim, outra para Ray. Quando regresso, ele tira as pernas de cima do sofá para me dar espaço. Comemos depressa, cada garfada demasiado quente, mas comemos na mesma.

— Que fazes hoje?

Ray abana a cabeça, encolhe os ombros.

— Não faço ideia, sabes? Talvez vá ter com a Deb.

— A Deb? Queres dizer a Tej, não?

— Não, acho que entrei para a lista negra da Tej.

— Porquê?

— Porque estou sempre a ir ter com a Deb.

— Estás a querer sarilhos, meu.

— Eu? Nunca — diz ele, com um sorriso pueril pouco convincente. Volta a recostar-se no sofá e abandona-se a um bocejo colossal. — E tu?

— Tenho de ir trabalhar. Na verdade, preciso de um favor.

— Se é dinheiro, não tenho.

— Não… preciso de te pedir o teu fato emprestado. Para o baile de finalistas.

Ray faz uma careta de perplexidade.

— Estás a dizer que o teu baile de finalistas é esta noite?

— Pois.

Ao ouvir isto, Ray transforma-se, torna-se o nosso pai, de peito inchado, voz grave e segura.

— *Vocês, os jovens, são todos ultimominuto.com, é disso que vocês gostam!*

Raymond não precisa de pretexto para continuar, mas o meu riso dá-lhe a deixa para se lançar no monólogo favorito do meu pai: *Quando eu tinha a vossa idade*… Com a minha idade, dezoito anos, o nosso pai já se mudara de Accra para Londres, já começara a construir os rudimentos de uma vida e lembra-nos esse facto muitas vezes. Raymond torna-se mais absurdo e extravagante no tom, nos gestos e no conteúdo, até nos

desatarmos os dois a rir às gargalhadas, e o riso se dissipar mais adiante num silêncio que não é desconfortável. Da rua, chega o som de passos e de bolas a saltar, são as crianças a caminho do parque onde, no verão, passam os dias. Ray dá um gole na garrafa, pensativo, e pergunta-me:

— Vais com a Del?

— Não é o que tu pensas.

— Certo.

Del e eu já nos conhecemos há muito tempo, mesmo antes do tempo em que os nossos pais costumavam ir ao Gold Coast beber bebidas brancas puras, na esperança de que essa coragem estúpida os aproximasse de uma qualquer dimensão espiritual, ou de si próprios. O modo como nos conhecemos não foi o mesmo que reparar em alguém na outra ponta da sala, partilhar um sorriso breve e tímido, talvez simular um desinteresse e esperar que a outra pessoa venha ter connosco, ou pedir a um amigo que nos apresente. Entre nós, há o tempo. Já foi há mais de uma década esse dia, na escola primária, em que fizemos uma visita de estudo à quinta e eu me esqueci do meu almoço no autocarro. Tive demasiada vergonha de dizer o que me tinha acontecido. Nós não éramos amigos, mas ela percebeu o meu desconforto enquanto os outros desembalavam as suas sanduíches. *Tenho mais do que preciso*, sussurrou-me — o pai tinha sempre receio de não lhe dar o suficiente — e, sentados ao lado um do outro, como se já o tivéssemos feito várias vezes, ela desembrulhou o conteúdo da sua lancheira, o suficiente para uma sanduíche, uma peça de fruta e um *donut* para cada um.

Há entre nós uma confiança construída no tempo: nos nossos primeiros anos, a fazer corridas no recreio até nos falharem as pernas; viagens ao centro de Londres, quando éramos adolescentes, e o seu riso profundo era a coluna vertebral dos nossos dias, de Marble Arch a Oxford Circus e daqui para St James's Park — Del, a alma e o espírito do nosso grupo, a cola que nos unia, até ela se cansar, e depois, com o nosso sinal secreto, que se tornou conhecido como o seu duplo pestanejar — Del não consegue piscar o olho, só consegue fechá-lo por um breve instante —, separávamo-nos, retomávamos o caminho de Peckham, fazíamos jogos para impedir que os nossos corpos exaustos adormecessem no

autocarro para casa. Hoje em dia, sou eu e ela, sempre que dá, porque é fácil, porque queremos, porque podemos. Nos últimos tempos, quando a tia sai de casa, mergulhamos na coleção de discos do pai dela. Já nos conhecemos há tanto tempo que eu sei o que Del vai escolher em função do seu estado de espírito: +'*Justments*, de Bill Withers, pela ternura; *Bitches Brew*, pela beleza do desprendimento, pela coragem; *Curtis*, quando precisa de se mexer. Já nos conhecemos há tanto tempo que eu sei quando ouve uma sequência ou frase que lhe agrada, porque as suas feições se suavizam, tomadas por uma espécie de encantamento. Já nos conhecemos há tanto tempo que não sei que nome dar a este conhecer.

— Só te estou a dizer para não ficares zangado se outro qualquer tentar a sua sorte. Meu, se não estás em cima da jogada, talvez eu tenha de ir ver o que ela diz.

O meu corpo fica tenso antes de eu ter a oportunidade de falar. De novo, aquele sorriso pueril.

— Vês? Não fiques à espera, meu irmão. *Vocês, jovens, ultimominuto.com.* Queres uma cerveja?

— Não, estou bem.

Ray deixa-me só por uns instantes, deixa-me com estes sentimentos. Quando regressa com uma cerveja para ele e um sumo para mim, o brinde com os gargalos, nós os dois a beber de um trago, Ray aponta para o ecrã e começa a falar-me das perspetivas da equipa ganense na próxima Copa do Mundo. Vou acenando com a cabeça enquanto o ouço e tento permanecer presente, mas a minha mente parte para outro lugar; algures na companhia de Del, talvez na casa dela com um disco a rodar, uma música lenta, aconchegante, bonita, onde sou eu e ela, e o tempo que passamos juntos. Mas Ray, sempre o mais inteligente da sala, traz-me de volta à realidade ao lançar um rugido para o ar quando alguém marca golo no ecrã, e começa a explicar-me como e por que razão aquele golo aconteceu.

Enquanto ele fala, dou conta de que este tempo com Ray é limitado. Agora é verão, depois vem setembro e, nessa altura, já estarei fora de casa, na universidade. Ele vai ficar e eu vou partir. Inclino-me para a

frente no sofá, para lhe fazer perguntas. Festejo o que passa no ecrã quando ele festeja. Procuro saber mais acerca das suas escapadelas românticas e rio-me das suas histórias absurdas, deixo-me aquecer pelo sorriso contagioso de Ray.

Deixo-me envolver pelo brilho do meu irmão mais velho.

3

Porque estamos no verão e seremos jovens até setembro, não sou o único a começar o dia tarde. Quando atravesso o bairro, um homem que podia ser o meu reflexo tenta fechar a porta com suavidade, e faz uma careta quando esta se fecha com um pequeno ruído. Vê-me a olhar para ele e encolhe os ombros com um sorriso, como se dissesse: «Que hei de fazer?», antes de ajustar o colarinho da sobrecamisa e de se afastar com uma bonita inclinação do passo. Sigo o mesmo caminho, por uma passagem subterrânea, e vejo um grupo encostado à parede do túnel a tentar decidir o que fazer nessa noite. Ouço um dos rapazes a insistir numa festa em Deptford. Os outros metem-se com ele, provocam-no amigavelmente, até a verdade vir à superfície: ele só quer ir a essa festa porque a rapariga de quem gosta vai lá estar e está cansado de esperar, quer tentar a sua sorte. Gritos do coro: «Porque é que não disseste logo?» Porque estamos no verão e seremos todos jovens até setembro, eles farão tudo pelos seus irmãos, os de sangue e os outros. Mais adiante, a seguir à zona desportiva multiúsos, onde os futebolistas chegaram cedo e ocuparam o campo mais pequeno, um jovem controla a bola com um toque delicado, como se fosse dele e só dele e os outros jogadores apenas a tivessem pedido emprestada. Passo pela casa do tio T, onde, porque é verão, o *dub* faz estremecer as vidraças, e um assobio se escapa por um interstício na janela. Vislumbro as suas rastas macias, apanhadas num carrapito, a realçar o rosto amável e a boca cheia de ouro. Ele canta como se dirigisse ao seu amor uma serenata crepuscular,

mas sei que está sozinho. *Waiting in Vain*, de Bob Marley. Levanto o braço em saudação, ele responde e, nesse momento, memória, imagem e possibilidade intersetam-se: o tio T a cantar para um amor antigo; o meu pai com vinte anos a tentar decidir em que zona de Londres se vai divertir; e eu, dentro de alguns anos, a fechar com delicadeza a porta de uma desconhecida com quem tornei a noite um pouco mais íntima. Que acontece ao tempo quando chega o verão?

Temos a certeza de que a minha tia, a tia Yaa, é dona da maior loja afro-caribenha de Peckham; quem sabe, do sul de Londres. Mesmo à saída de Rye Lane, a caminho da rua principal, na esquina antes da biblioteca, é aí que ela está. A loja tem tudo aquilo de que precisam as pessoas que estão longe de casa, a tentar construir uma vida aqui. Inhames e bananas-da-terra, bolos de milho e mandioca, planta-dos-ovos, quiabos e pimentas caribenhas, caixas de peixe seco, grades de *Supermalt*. Para a tia Yaa, para muitos de nós, a comida não é apenas sustento, mas também memória, nostalgia; uma forma de matar a saudade, de construir novos alicerces. A minha tia também despacha correio, e isso permite às pessoas que enviem um pouco de si aos familiares e amigos que ficaram em casa. Uma vez por mês, Dorcas, uma cliente habitual, envia à irmã que está no Gana uma caixa com cereais e doçarias, bolachas de gengibre, *Weetabix* e chá *Tetley*. Dorcas diz sempre que era ela quem costumava fazer as compras e espera que, deste modo, eles sintam que ela nunca chegou a partir. Antes de selar a caixa, coloca uma fotografia de si própria em cima da comida, para que seja o seu sorriso a saudar a irmã quando a caixa lhe chega às mãos.

À porta, está o tio D, que não é parente de sangue de ninguém, mas é tio de todos. É um homem alegre, de meia-idade, que usa óculos de aviador com lentes claras. Nunca percebi se é funcionário da loja, mas, no início da tarde, lá está ele a varrer e a arrastar os pés, indicando aos clientes, entre sorrisos e risadas, onde estão os produtos. Quando chega a noitinha, de *Guinness* na mão, uma garrafa ou duas por dia. Eu diria que ele é o segurança da loja, mas a única vez em que podia ter sido chamado para intervir, quando um amigo de Ray, Koby, entrou na loja

ofegante e a suplicar que o escondêssemos, e minutos depois vários rapazes entraram na loja a exigir que lho entregássemos, o tio espetou o peito para a frente e endireitou as costas, mas a tia enxotou-o. Em vez disso, perguntou aos rapazes quem eram os pais de cada um e, depois, quis saber da vida *deles*. Quem fazia o quê na escola, quem tinha marcado o golo da vitória no jogo desse fim de semana. A tia compreendia que a raiva era uma emoção necessária, mas amiúde mal orientada. A morte, cujas múltiplas formas já conhecíamos, aproveitava-se desse erro de orientação e ainda se multiplicava mais, e o erro devia-se em grande parte à falta de *espaço*. Foi juíza deste breve tribunal e, no fim, enviou-os para casa com manteiga de carité para os cabelos e tartes de carne para a fome.

Estou ao balcão quando Del entra, vacilante, corada do calor. Encosta a mala do contrabaixo num intervalo de parede ainda livre e avança pelo pequeno labirinto de mesas direta ao balcão. Um fio com um pendente minúsculo — que pertencia ao pai dela — balança-lhe no pescoço. A luz tornou-lhe os olhos maiores e mais esbugalhados, e um meio-sorriso ilumina-lhe as faces. É linda. Quero dizer-lho, mas fora dos filmes e canções, nunca ouvi dizer isto. Ainda assim, nesse momento, estou mais perto dela, talvez porque estou mais perto de mim, mais perto de saber o que sinto por ela.

Devo estar a olhar fixamente, porque me pergunta:

— Que foi?

— Nada.

Não insiste e senta-se num banco ao balcão. Tiro a rolha a uma garrafa de *Fanta*, verto metade num copo com gelo. Ela bebe, sôfrega, e depois roda no banco para ficar virada para a sala e ver o que eu vejo. Há um casal de mãos dadas sobre a mesa, com olhos só um para o outro; um outro par a jogar às cartas, suspensos num aparente impasse; e uma mulher, de caneta na mão, a escrevinhar num caderno. Ouve-se em surdina *Peace on Earth*, de Ebo Taylor.

— Que se passa ali, na tua opinião? — pergunto, em voz baixa.

— Ele estragou tudo, mas ela acabou por perdoar.

— Como é que sabes que foi ele?

— *Ele* estraga sempre tudo. Não fiques ofendido. É assim.

— Como quiseres. E os outros?

— Penso que… são amigos. Vão mudar-se para a mesma casa. O que ganhar fica com o quarto maior. E aquela mulher… está a escrever uma história.

— Sobre quê?

— Dois jovens no verão.

— Parece que somos nós.

— Talvez. — Ela encolhe os ombros, a sorrir. — Mas todas as pessoas são mais novas no verão. — Rodopia no banco para ficar virada para mim no preciso momento em que a tia Yaa sai da sala dos fundos e eu sou esquecido por uns instantes. Seguram na cara uma da outra com as palmas macias das mãos; saúdam-se como irmãs. A tia Yaa perdeu os pais da mesma maneira que Del; uma mãe que não sobreviveu ao parto, um pai que se aguentou até poder, mas acabou por perder a batalha contra o seu reflexo. A tia Yaa e Del, unidas por alguma coisa que nunca conseguirei compreender.

— E tu, como estás?

— Estou bem, tia.

— Já sabes?

— Ainda não.

— Mas vais saber.

Del e eu baixamos a cabeça. Ambos concorremos à faculdade de música. Mesmo com um empréstimo estudantil, só será possível com uma bolsa e, a cada dia que passa sem notícias, a hipótese parece mais remota. É reduzido o número de bolsas disponíveis. Parece arbitrário confiar a um pequeno grupo de pessoas a decisão sobre se somos bons o suficiente ou não quando, até agora, a avaliação que fazíamos de nós próprios se baseava sobretudo no *sentimento*.

Eu e Del costumamos improvisar com uma banda, sobretudo ao fim da tarde e aos fins de semana. Já o fazemos há uns anos. Dizem-nos que é *jazz* o que tocamos, mas, se nos perguntarem o que isso significa, o mais provável é que apontemos uns para os outros com um encolher

dos ombros e um sorriso. Não é que não saibamos o que é, mas não sabemos como explicar esta estranha expressão do improviso, isso de entrar num espaço e de nos debruçarmos sobre o desconhecido. Theo é quem costuma dar o arranque, com uma batida rápida e segura, o toque da bateria a pôr-nos em sentido. Depois vem Del, as notas do seu baixo grossas como paredes, a construir um lugar para onde possamos ir, e eu corro para dentro dessa casa que ela acabou de construir, faço entrar à socapa as notas do meu trompete. Como vivemos todos aqui perto, convergimos para onde formos alojados: salas de ensaio no liceu, estúdios musicais cuja chave nos passaram para as mãos, ou, com mais frequência, a cozinha ou garagem de alguém. Um dia, enchemos dois carros e fomos um pouco mais para sul, para o Beckenham Place Park, com os seus jardins sem fim à vista. Era primavera, e a vida florescia por toda a parte. Tudo nos parecia possível. Arrastámos os nossos instrumentos para as profundezas de uma zona de bosque, formámos um círculo e lançámos sons para o meio do arvoredo. Pouco tempo antes de começarmos a tocar, alguém colocou um gravador no meio do nosso pequeno grupo, não porque pensássemos que não nos iríamos lembrar, mas porque não queríamos esquecer.

Enquanto tocávamos, escorregaram-me os dedos e uma nota dissonante escapou-se do meu trompete. O erro não passou despercebido, mas continuámos. Senti-me grato pela liberdade de habitar aquele espaço, de cometer um erro; e vi que esse erro podia ser belo no ouvido certo; que Del ouvira a minha nota dissonante e lhe dera seguimento, integrando-a na sua música; e que todos nós, abraçando essa pirueta, essa mudança, nos rendêramos ao desconhecido, para onde nos dirigíamos, fosse ele qual fosse. Foi então que percebi que só me conhecia verdadeiramente na canção. No silêncio, na liberdade, na rendição.

Mais tarde, enquanto regressávamos aos carros, exaustos, mas ainda assim tão cheios, dissemos coisas como *eu não sabia que estava a precisar disto* e *foi uma experiência espiritual*. Há algum tempo que tentamos — Del e eu — ir beber a essa espiritualidade, cultivar o otimismo, ter fé. Mas a espera é difícil. Sobretudo quando, do outro lado dessa espera, cada um poderá seguir rumos diferentes, uma ideia que nunca aflorámos,

convencidos de que, de uma maneira ou de outra, ficaremos próximos. Nenhum de nós quer perguntar o que vai acontecer a seguir; e se estes últimos dias de liceu, de verão, serão os últimos em que estaremos próximos.

— A espera vai valer a pena — diz a tia Yaa, como se soubesse o que nos vai no coração.

A tia afasta-se a arrastar os pés, e Del olha de relance para o relógio.

— É melhor eu ir também — diz ela.

— Tão cedo?

— Disse ao Theo e aos amigos dele que ia improvisar com eles. Só vim até aqui para te ver.

— Espera!

— Sim?

— Vais… vais ao baile de finalistas com alguém?

— Hum… — Ela olha para o chão, a medir as palavras. O meu coração parte-se um pouco no silêncio.

— Alguém já te perguntou — digo, num tom que não é acusatório, mas factual.

— Sim. O Johnny. Ontem.

Johnny, um guitarrista, costuma improvisar connosco. De certo modo, ter partilhado com ele esses momentos de intimidade agrava o que sinto agora, mas não o digo a Del. Haverá alguma coisa para dizer?

— Na boa — replico.

— Como não perguntaste, pensei que tinhas feito outros planos…

— Sim, não… hum… — Encolho os ombros. Nenhum de nós consegue enfrentar o olhar do outro.

— Seja como for, também não significa nada, pois não?

— Não.

Pergunto-me se algum de nós acredita nisso. Segue-se mais um silêncio em que não queremos mergulhar. Del desvia-se noutra direção.

— Vamos divertir-nos na mesma. Seja como for, deves-me uma dança.

— Hum?

— No casamento do teu primo? Recusaste-te a dançar comigo.

— Não me recusei, estava bêbedo.

— Ou isso. — Del deixa escapar um suspiro, como se não desse conta de que estivera a suster a respiração. — Eu… — Olha para o chão outra vez, e depois olha-me nos olhos. — Vejo-te mais logo.

— Sim. — Aquiesço. — Até já.

Ela vira-se, recupera o contrabaixo a caminho da saída e ainda me acena com a mão antes de partir. Olho de relance para o espelho afixado na parede ao lado do bar, sem saber se me vai dar algumas respostas. Alguma coisa mudou, alguma coisa se deslocou entre nós; ou talvez tenha sido sempre assim e escolhemos simplesmente não o ver.